

PRÉ-JOGO

Os pés flutuam, como se levitassem. O corpo franzino do menino balança na cadeira, que é tomada pela luz do sol. Debruçado sobre um balcão de madeira, as mãos envolvem um lápis e dão vida aos números. O olhar vigilante do pai, assente positivamente e, à distância, sorri. O garoto devolve o sorriso e volta a escrever, cumprindo aquilo que entende ser sua função. O pequeno Savio remarca os preços que ficam nas prateleiras, no interior do mercado Pimentel, encravado no bairro humilde de São Torquato, em Vila Velha, no Espírito Santo. É com o comércio que seu Abimar, ou seu Mazinho, sustenta a família de cinco filhos, além da esposa, a professora Rovena.

São os anos 1980 e o Brasil enfrenta grave crise financeira. A inflação ultrapassa a marca de 500% ao ano e, por vezes, ao longo de um único dia, os comerciantes precisam alterar os valores dos seus produtos. O que vale na parte da manhã já está defasado na parte da tarde. Assim, junto com a repositora do mercado, Maria Estela da Silva, a Estelinha, Savio anotava os novos preços, que em algumas poucas horas poderiam ser velhos e teriam que ser trocados outra vez.

Envolvido neste ambiente, o menino absorve ensinamentos que serão fundamentais para o seu futuro. A forma com que o pai lida com o dinheiro é um exemplo marcado na memória: saber comprar somente aquilo que é necessário e dizer não para os desperdícios, sempre pensando e planejando o futuro. A mão de ferro de seu Mazinho era o que guiava a família.

Tímido, o menino de corpo magro e rosto leve, pele clara e cabelos loiros levanta-se e pede, com cautela, sempre respeitoso ao pai.

– Pai, cansei de marcar os preços. Posso sair com o Waldeir e ir com ele levar as compras?

– Wado, vem cá. Leva o Savio com você aí no carro – ordena o pai Abimar.

Lado a lado com o motorista da família, o quarto filho dos Bortolini embarca na Kombi e segue para fazer o frete na região. Assim, o pequeno Savio passeava pelo interior de Vila Velha e se divertia com o inseparável Waldeir, o “faz tudo” da família e o braço direito de seu Mazinho.

Waldeir Reboli Siqueira conheceu Mazinho no início dos anos 1970, pelas ruas do bairro de Cobilândia, em Vila Velha. Naquele tempo, o mercado Pimentel ainda não existia e era uma acanhada mercearia localizada na rua Manoel Gilson da Silva. Em 1975, entre um copo de cerveja e outro, Wado, como era chamado por Mazinho, deixou a padaria em que trabalhava para se unir ao novo amigo, convencido da oportunidade de trabalho. Começava ali uma amizade de longa data e, assim, a mercearia virava mercado.

Um ano antes, nascia Savio Bortolini Pimentel, no dia 9 de janeiro de 1974. O garoto loirinho era o quarto filho de dona Rovena e demorou quase um mês para ser registrado. Os amigos visitavam o bebê, mas ele ainda não tinha nome, pois a mãe estava em dúvida.

- Coloca Savio, é tão bonito, Rovena. – disse uma amiga próxima.
- Nossa, está aí, gostei! Vai ser Savio! – exclamou a mãe.

Antes dele, Flávia, Wellington e Rodrigo (Abimar Júnior, o Juninho, nasce quatro anos depois). O quarteto, desde pequeno, quando não estava na escola, vivia no mercado, junto ao pai. Como a mãe Rovena passava o dia fora dando aula nas escolas públicas de Vila Velha, os filhos ficavam no trabalho do pai. Foi em uma dessas que Savio cortou a mão direita em um latão de manteiga e parou no hospital São José para ganhar alguns pontos e carregar uma pequena cicatriz por toda a vida.

Junto com os irmãos e os pais, Savio morava em uma casa simples no bairro de Cobilândia, que abrigava a todos, sem luxo. Os tempos eram duros e não havia fartura na casa da família Bortolini, porém, dificilmente faltava algo na mesa ou nos armários. A forma como Mazinho e Rovena educavam os filhos era simples e direta: honestidade e respeito em primeiro lugar. Se um dos filhos ganhava algo, todos também teriam. Assim, duas vezes ao ano, seu Mazinho pegava a Kombi do mercado Pimentel, colocava os filhos para dentro e os levava para fazer compras de peças de roupa. Duas peças para cada e nada mais. Se alguém chiasse, bastava um olhar sério do



Com seis meses de idade, o pequeno Savio sorri para foto em São Torquato
(Foto: Arquivo pessoal)



O casal Mazinho e Rovena na década de 70, os pais de Savio
(Foto: Arquivo pessoal)

pai, que tudo era resolvido. Savio já sabia que ele não tinha conversa, tanto que recorria diretamente para a mãe quando queria comprar uma bala ou um doce.

- Mãe, a senhora tem umas moedas para me dar?
- Para que você quer moedas, Savio?
- Quero comprar uma balinha.
- Porque não pediu para o seu pai? Você sabe que ele não vai dar, né? – respondia dona Rovena.

SAPATARIA, BAR, MERCEARIA, MERCADO E... FUTEBOL

Abimar Pimentel vendia sapatos em uma loja no centro de Vitória. A lábia e o jeito galanteador rendiam-lhe boas vendas. Além de tudo, a beleza do capixaba de porte atlético e roupas impecáveis, agitava a clientela feminina da sapataria. Nascido em Santa Tereza, interior de Vila Velha, Mazinho, como era conhecido, visitava os pais com frequência. E foi lá que conheceu Rovena Bortolini, descendente de família italiana, com traços europeus no rosto e corpo. A beleza da menina de dezessete anos, quatro anos mais jovem, logo encantou o vendedor de sapatos, de 21 anos.

Em um primeiro momento, a família Bortolini se colocava contra o relacionamento. A filha única não podia namorar com um rapaz que, em Vitória, tinha fama de galanteador. Boêmio, Mazinho gostava da noite e de uma cervejinha para paquerar as meninas e também papear com os



Savio com o irmão Rodrigo e o primo, com D. Rovena
(Foto: Arquivo pessoal)

amigos. Entre idas e vindas, o casal se separou muitas vezes e, só o namoro, quando engatou de vez, durou quase sete anos, até que resolveram noivar.

Entre este tempo, Mazinho já havia pedido as contas na sapataria. Sempre cuidadoso com aquilo que recebia, soube poupar e tinha certo aquilo em que ia utilizar suas economias. Se mudou para o bairro em que os pais moravam, no interior de Vila Velha, e tratou de apostar as suas fichas em um bar.

Sentado na casa dos pais de Rovena, Mazinho, que a esta altura estava perto dos trinta anos, pede a mão da filha única da família Bortolini em casamento. O pedido, aliás, não foi nada fácil. Isabel, mãe de Rovena, mais incisiva que o pai da jovem, tratou de passar orientações e questionar Mazinho em uma verdadeira sabatina de quase meia hora.

– Ó, Mazinho, eu vou te falar uma coisa: eu tenho uma filha só. Eu quero o bem da minha filha, eu faço tudo por ela e quero que você cuide dela. A partir de hoje não quero saber de você em farra e em bebedeira, não! – exclamou Isabel.

A pressão deu resultado. A partir do noivado, Mazinho muda da água para o vinho e passa a ter olhos e pensamento somente para a noiva. Pouco mais de um ano, no dia 20 de julho de 1963, o casamento na igreja de Santo Antônio sela a união.

O casal se muda para uma casa no bairro de Santa Tereza, perto dos familiares e também ao lado do bar. O local, aliás, começava a render bons frutos. Com uma clientela fixa e a boa mão para os negócios, o

FICHA INDIVIDUAL DO ANO LETIVO DE _____
 GRAU _____ ETAPA _____ TURNO _____
 ALUNO: Basílio Bortolini Bortolini SÉRIE 1ª TURMA A

Módulo	Conteúdo	CONHECIMENTO ACQUISITO + CONHECIMENTO PARTICIPATIVO + CONHECIMENTO DIMENSIONAL												Participação			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12				
Matemática	Operações com Frações	5,0															PARTICIPAÇÃO Atividade e Interesse Capacidade de Reflexão Autoconhecimento Autoconsciência Auto-estima Capacidade Integração ao Trabalho Estruturação e Organização Iniciativa Participação Estado dos parâmetros: Participação concreta e progressiva Participação total A Condição satisfatória participação parcial B Condição satisfatória participação parcial C Condição insatisfatória participação insuficiente D Condição insatisfatória participação insuficiente
	Geometria	5,0															
	Operações com Decimais	5,5															
Ciências	Biologia	5,0															
	Química	5,0															
	Física	5,0															
Língua Portuguesa	Gramática	5,0															
	Leitura e Interpretação	5,0															
	Produção de Textos	5,0															
Língua Espanhola	Gramática	5,0															
	Leitura e Interpretação	5,0															
	Produção de Textos	5,0															

ESCOLA 1º GRAU SANTA TEREZINHA
 Estado - Vila Velha - E. Bahia



FICHA DE AVALIAÇÃO

Basílio Bortolini Bortolini
 ALUNO

1ª Série _____ 2ª Etapa _____

Série 1ª Turma A Nº 25

1986

Notas de Savio no boletim de quando ele estudava na escola Santa Terezinha. Educação Física e Educação Artística eram as melhores notas

(Foto: Arquivo pessoal)

Boletim de Savio na escola Santa Terezinha, do ano de 1986

(Foto: Arquivo pessoal)

dinheiro entrava em caixa. Até baile de carnaval no salão atrás da casa foi feito para engordar a economia da família.

Os dois ficaram por menos de um ano em Santa Tereza. Com desejo de crescer e fazer prosperar os negócios, Mazinho vende a casa e o bar e, junto com Rovena, se muda para Cobilândia, bairro também no interior de Vila Velha. É ali, em uma casa alugada, que o casal tem todos os cinco filhos e o pai da família engata o sucesso no comércio. Em 1965, nasce a primeira, e única filha, Flávia.

A pouco mais de três quilômetros da casa fica o novo bar e, agora, uma mercearia de Mazinho, situados no bairro de São Torquato, vizinho a Cobilândia. É assim, que, nos dez anos seguintes, a família Bortolini

Pimentel é sustentada: com a esperteza e inteligência de Mazinho nos negócios e a dedicação de Rovena em casa com os filhos e também nas escolas, onde dava aula para crianças do primário.

DE PAI PARA FILHO

Se o cuidar da família fazia com que Mazinho evitasse luxos, educasse os filhos com a consciência sobre o valor do dinheiro e o respeito com o próximo, havia algo em que ele distribuía em abundância aos filhos: a paixão pelo futebol. Torcedor do Fluminense do Rio de Janeiro e do Rio Branco, do Espírito Santo, ele não perdia uma partida na televisão, no rádio ou no estádio Kléber Andrade, do time alvinegro, ou então no Engenheiro Alencar de Araripe, da Desportiva Ferroviária, principal rival local do clube do coração.

Apesar da estatura baixa, Mazinho tentou carreira como jogador. O futebol, porém, não foi o destino do veloz e artilheiro atacante que nasceu em Santa Tereza, no interior do Espírito Santo. Entretanto, o amor pelo futebol foi passado para os filhos. Logo que se mudou para o bairro de Cobilândia, em 1964, tratou de construir, ele mesmo, no quintal de casa um acanhado, mas charmoso, campinho para que a molecada da região pudesse jogar.

O campinho de terra batida tinha lá a sua pompa. Cercado com telas para que a bola não atingisse as casas dos vizinhos, possuía todas as marcações de um campo, duas traves com redes e, imagine, até refletores. Logo, o local fica conhecido na região como o “campinho do seu Mazinho”. Ali, seus três filhos passavam as manhãs, as tardes e as noites. O próprio pai era quem organizava os campeonatos e juntava todos os meninos do bairro para as partidas. Um dos sonhos da vida de Mazinho era que ao menos um de seus filhos se tornasse jogador de futebol. Mal sabia ele que, com aquele gesto, o sonho se tornaria realidade.

CRAQUE DO CAMPINHO DO SEU MAZINHO

A bola ainda parecia grande demais, mas a classe com que a perna esquerda a tocava não deixava dúvidas para qualquer um com mínimo conhecimento sobre futebol: o menino loirinho levava jeito para a coisa. A velocidade e os dribles em garotos mais velhos deixavam boquiaberto quem estivesse acompanhando do lado de fora. Não havia um que não se espantasse com a maneira que o pequeno Savio parecia flutuar sobre a terra batida.

O corpo franzino do garoto de seis anos, de canelas finas, se movia com força intensa contra os adversários até dentro do gol rival. Alegria dos irmãos e, principalmente, de Mazinho, afinal, era mais um da família que lutava pelo sonho de ser jogador de futebol. Depois do nascimento da primeira filha, a confiança do pai era depositada no filho mais velho, Wellington, que exibia grande talento com a bola nos pés. Assim também foi com o segundo filho, Rodrigo, de igual habilidade no campo. Logo, todos os três filhos sabiam o que fazer com a bola nos pés. Incentivo para que evoluíssem como jogadores era o que não ia faltar por parte de seu Mazinho e dona Rovená.

Do campinho para dentro de casa, o assunto não podia ser outro. Mazinho bem que tentou, mas somente Flávia e Rodrigo se tornaram tricolores, torcedores do Fluminense. Helinho, o filho mais velho, vestia as cores preta e branca do Botafogo. Já Savinho não teve jeito: com a grande fase do Flamengo nos anos 1980, o título da Libertadores e também do Mundial, o garoto se apaixonou pelo rubro-negro e, principalmente, pelo camisa 10 da Gávea, o Zico. Durante tardes e noites, Savio passava horas grudado ao rádio ou à televisão, atento a cada jogada, a cada movimento e a cada drible do seu ídolo. Com os olhos vidrados, a camisa rubro-negra nas mãos e o coração apertado em cada susto que o Flamengo sofresse ao longo das partidas.

Mal terminava a aula no colégio Santa Tereza e os quatro filhos de dona Rovená sentavam-se para almoçar. Minutos depois, lá estavam eles outra vez no campinho do quintal da casa. Durante a noite, quando a televisão ou a rádio transmitia algum jogo de futebol, fosse do Flamengo, Fluminense ou Vasco, todos se acomodavam do jeito que era possível e paravam, vidrados, para acompanharem o desfecho da partida. O futebol era parte essencial da casa.

Com o passar dos meses, os três filhos encantavam a todos pelo interior do Espírito Santo. Fosse no campinho, atrás da casa, ou então nos diversos campeonatos, os filhos de Mazinho chamavam a atenção. Logo, Wellington foi jogar no Rio Branco e, mais tarde, na Desportiva. Rodrigo foi parar no Rio de Janeiro, para tentar a carreira no Fluminense. Enquanto Savinho, o mais novo dos três, com o seu talento, obrigaria o pai a criar um time próprio para que ele, com menos de dez anos, pudesse disputar campeonatos.



Savio com a sua companheira preferida, a bola, no campo de terra feito pelo pai, em Cobilândia (Foto: Arquivo pessoal)

Wellington, o Helinho, era atacante, artilheiro. Baixinho, com o porte físico similar ao de Mazinho, corria muito e dificilmente, quando recebia a bola na entrada da área, deixava a oportunidade passar. Brigador, de personalidade forte, não levava desaforo para casa e tampouco se importava com as pancadas que levava. Porém, o corpo não estava pronto para tanta judiação. Ao longo da curta carreira, as lesões foram tantas que Helinho decidiu abandonar as chuteiras por volta dos dezessete anos, depois de passar por cirurgias no tornozelo e joelho.

No Rio de Janeiro, a categoria e a tranquilidade de um meia clássico, daqueles que sabiam colocar a bola onde quisesse, fizeram de Rodrigo uma das grandes promessas das categorias de base do Fluminense nos anos 1980. A cadência que o garoto adicionava às partidas e a visão de jogo elevaram o status do filho de Mazinho. Contudo, se tinha talento, faltava-lhe foco, fundamental na carreira. Morador do bairro de Botafogo, na zona sul do Rio, Rodrigo talvez tenha se deslumbrado com as coisas boas da vida. Treinar? Fazer trabalho físico? Nem pensar. Depois de quase cinco anos na base tricolor nas Laranjeiras, acabou dispensado. Aos vinte anos, ainda tentou atuar pela Desportiva, mas pouco tempo depois desistiu.

Com exemplos tão próximos, Savinho aprenderia que a perseverança aliada ao talento e dedicação seriam essenciais para uma carreira promissora. Não bastava ser eficiente, acabar com as partidas dentro de campo. Era preciso cabeça no lugar e, acima de tudo, disciplina e profissionalismo fora das quatro linhas.